

## **COMUNICAR EM MACAU\***

*Maria Aline de Sousa Martins \*\**

Após a chegada a Macau, as dificuldades de comunicação sentem-se de imediato e nem o recurso a outras línguas resolve os problemas ou satisfaz quem vai iniciar o conhecimento da cidade.

Passado o banho inicial de um mundo muito diferente do que se está habituado, começa a notar-se e a pôr-se a hipótese da possibilidade da troca de ideias ou, pelo menos, da simples troca de algumas frases.

Depois, passeando pelas ruas onde os dísticos em português abundam quase em paridade com a língua chinesa, entra-nos um triunfalismo de neófito e pensamos que a primeira impressão foi errada e que, afinal, vai ser fácil a transmissão de ideias em língua portuguesa.

Com mais uns dias ou semanas de permanência em Macau, essas certezas ou hipóteses mudam mais uma vez e vemos que se torna muito difícil equacionar a questão da comunicação, aqui, nesta terra, em algumas poucas palavras ou frases. E assim, o problema subsiste.

Neste século a que poderíamos chamar o século da Comunicação, em que as barreiras do espaço foram vencidas porque as do tempo também cederam, o tema Comunicação, onde quer que seja, deixa-nos interessados, conquista-nos e isso leva-nos ao desejo de vencer as referidas dificuldades.

Ainda está por fazer um imenso trabalho de fundo sobre o problema da comunicação em Macau e nesta referência não nos ficamos apenas pelos factores linguísticos.

Para levar essa tarefa a cabo, ter-se-á que considerar toda a história de Macau, as suas relações comerciais, económicas, culturais, sociais, ao longo dos tempos. São particularmente

---

\* Comunicação apresentada no «Seminário internacional das línguas faladas em Macau: evolução no período de transição», organizado pela Associação de Ciências Sociais de Macau entre 28 e 31 de Março de 1992.

\*\* Coordenadora do Centro de Difusão da Língua Portuguesa.

importantes os factores sociais ocorridos, sobretudo se concluirmos que só uma perspectiva sociolinguística poderá explicar a comunicação neste local.

Várias perguntas se nos põem. Sem nos preocuparmos com qualquer uma ordenação quer de carácter sincrónico ou diacrónico, de maior ou menos importância, questionamo-nos:

1. Porque é que em Macau se fala tão pouco português, sendo Portugal a potência administradora do Território desde há quatro séculos?

2. Como colmatar, nos dias de hoje, as dificuldades de comunicação linguística?

3. Quando se consegue uma comunicação linguística, ela afasta ou atenua os restantes problemas de comunicação?

4. A diversificação de entidades comunicadoras — o ocidente, o inglês, o português, os mercados económicos do Japão, da América, as religiões — que estruturas da vida social do habitante de Macau influenciaram ou estão a influenciar?

E muitas mais questões semelhantes se nos põem todos os dias. Baseado nelas, organizámos o pequeno inquérito que se segue, (Ver quadro n.º 1) dirigido a alguns grupos diferenciados de profissionais, na tentativa de recolher alguns elementos que nos ajudassem nas respostas.

Foram inquiridos 7 sectores profissionais, com idades compreendidas entre os 20 e os 60 anos, entre as comunidades portuguesa, macaense e chinesa.

Em síntese as respostas indicaram-nos que os inquiridos geralmente consideram muito difícil a comunicação em Macau, por razões linguísticas e de mentalidade.

Os falantes portugueses, mesmo ao fim de alguns anos no território, apenas utilizam e identificam reduzido número de palavras ou frases, enquanto que os falantes de cantonês, se aprendem português, é por necessidades profissionais ou por desejarem vir a radicar-se em países de língua portuguesa. Consideram ainda natural o desconhecimento sobre a cultura e língua portuguesa e, em pequeno número, tentam informar-se sobre as mesmas.

Muitas e muitas mais perguntas e questões se poderiam pôr. E elas seriam tantas mais e diferentes, consoante os objectivos (incluímos nelas as diferenças profissionais) do estrangeiro que tiver que viver-comunicar em Macau.

Nesse viver-comunicar, vale a pena um passeio pelas ruas na companhia desse tal estrangeiro, que poderei ter sido eu, há algum tempo. Elas, as ruas, ostentam em bonitos azulejos o nome em chinês e português.

## Comunicar em Macau

1. Considera a comunicação entre os diferentes estratos da população de Macau
  - fácil.
  - razoável.
  - difícil.
  - muito difícil.
2. As razões das dificuldades de comunicação resultam de diferenças
  - de mentalidades.
  - linguísticas.
  - ambas.
3. Quando as dificuldades de comunicação são superadas é porque os falantes portugueses
  - estão interessados na cultura dos falantes de cantonês.
  - gostam de aprender línguas.
  - estão há algum tempo em Macau e acabaram por identificar e saber empregar algumas frases contextualizadas.
  - foram obrigados a aprender cantonês.
4. Os falantes de cantonês que resolveram aprender ou sabem português, geralmente, é porque
  - se identificam com a cultura portuguesa.
  - gostam de aprender línguas e o português será mais uma.
  - foram obrigados por necessidades profissionais.
  - sempre falaram português além de cantonês — são bilíngues.
  - desejam transferir-se para Portugal ou para países de língua portuguesa.
5. Perante a realidade que é o conhecerem pouco ou nada da língua e cultura portuguesa os habitantes de Macau
  - lamentam o facto e tentam informar-se sobre o assunto.
  - acham natural que isso aconteça e defendem esta ideia.
  - permanecem indiferentes e nem pensam no assunto.

Se acha difícil COMUNICAR em Macau, diga porquê.

.....

.....

.....

.....

Não tendo havido uma interpenetração cultural que ajudasse a uma compreensão linguística, as duas línguas ali permaneceram paralelas — respeitadas, mas paralelas. Tal como os nomes das ruas, vemos os nomes dos estabelecimentos comerciais — em chinês, em português e muitas vezes também em inglês.

Os edifícios mostram também nomes em chinês, chinês romanizado ou em inglês. Raramente em português.

Os avisos e letreiros de utilidade social — como:

«Reduza a velocidade», «Saída de emergência» etc., voltam a aparecer em chinês e português, tal como os bilhetes de ingresso em espectáculos e os convites para sessões públicas ou culturais. Como tudo de carácter oficial ou próximo disso.

Mas os nomes dos locais públicos — hospitais, jardins, monumentos e mesmo ruas, de modo geral, não traduzem a mesma realidade, numa língua ou noutra.

Assim, temos por exemplo:

Jardim Lou Lim Iok .....	<i>Lou Kau</i> nome próprio	<i>Fa Yun</i> jardim
Jardim Camões .....	<i>Pák Kâp</i> pomba	<i>Cháu</i> ninho
Hospital Conde S. Januário .....	<i>Sán Têng</i> cume	<i>Yi Yun</i> hospital
Igreja da Penha .....	<i>Chu Káu</i> Bispo	<i>Sán</i> monte
Farol da Guia .....	<i>Chông Sán</i> monte de pinheiro	<i>Tâng Táp</i> farol
Ruínas de S. Paulo .....	<i>Tái</i> grande	<i>Sâm Pá</i> igreja

Nas restantes realidades, os nomes portugueses, quando não tomam uma designação completamente diferente, nunca são pronunciados na língua original, sendo sempre traduzidos ou modificados mesmo os nomes próprios — não se mantendo em nenhum caso a palavra portuguesa.

Como exemplo deste último caso — a modificação ainda que aproximada do original — temos:

Avenida Horta e <i>Costa</i> .....	<i>Kou Si Ta MaLo</i>
Colégio D. <i>Bosco</i> .....	<i>Pau Si Kou</i>

Assim tudo fica mais difícil para o tal estranho que deseja movimentar-se em Macau.

A quase generalidade de elementos que, por excelência, poderiam viabilizar a comunicação: política, taxistas, turismo, hotéis, etc., não conhecem a língua portuguesa. A língua por vezes

considerada veicular — o inglês — também não é muito falada e quando o é não acontece com razoável correcção.

Contudo, deste universo de dificuldades e porque os homens sejam de que quadrante forem se fizeram para se entenderem, surgem outras formas de comunicação. Sobretudo as que resultam das necessidades e dos interesses mútuos e imediatos. Nos mercados, nos estabelecimentos comerciais, enfim, nas transacções indispensáveis ao decorrer harmónico do dia-a-dia — aparecem-nos os comerciantes a dizerem algumas, poucas, palavras, em português, e os clientes a pronunciarem algumas, poucas, estruturas, em cantonês.

E as transacções fazem-se. Com negociação, discussão de preços, com cambiantes tão variados e até tão longamente elaborados que, à primeira vista, pareceria impossível existirem. É a linguagem da vida, da subsistência, dos interesses mútuos que surge.

A partir desse convívio estimulante, o estrangeiro em Macau fica muitas vezes motivado para a aprendizagem da língua cantonense. Porém, advertem-no, ao começar os seus estudos de cantonês, que a língua mandarim será a língua chinesa oficial, falada no futuro próximo de Macau. Aí, o seu entusiasmo arrefece. Reflecte sobre o facto de ir aprender uma língua que, depois, desaparecerá. Sendo tão difícil a aprendizagem, esta dificuldade não será compensada. Assim, a maior parte das vezes, desiste das suas anteriores intenções.

## **ORIGEM DO CANTONÊS FALADO EM MACAU**

Embora a presença portuguesa tenha estado na origem de Macau, a verdade é que, tal como a maioria das grandes cidades chinesas, ela se foi formando essencialmente, de imigrantes oriundos de diferentes zonas da China. Deste modo, aqui, afinal, se vieram a encontrar diferentes dialectos trazidos por esses imigrantes.

Na primitiva história de Macau, tanto o dialecto Yue (canto-nês) como o dialecto Min (de Fukian) foram influentes. Isto facilmente se entende, se observarmos a localização, na costa sul, da área de influência Yue, para onde os povos do dialecto Min imigravam com grande frequência. Por razões ainda geográficas, os dialectos Yue, a pouco e pouco, foram-se impondo. Deles proveio o actual cantonês, que se tornou a língua comum em Macau. Desta forma, verifica-se que a maioria do povo de Macau fala o mesmo cantonês que se fala em Cantão ou Hong Kong, língua essa muito diferente das faladas nas restantes partes da China, especialmente das faladas no Norte.

Na zona de Zhongshan (Zuhai) com cerca de 2 000 quilómetros quadrados, os seus habitantes falam aproximadamente 12 dialectos sendo os grupos dialectais mais importantes o Yue, o Min e o Kejia.



Origem dos dialectos Min, Yue e Kejia.

Repare-se no sentido das movimentações imigrantes, em direcção ao Sul, a Zhuhai e a Macau.

Durante o fim da dinastia Song (séculos XII -XIII) todos estes vários dialectos foram, como já dissemos, trazidos pelos imigrantes, falantes de Yue, Min e Kejia, para a zona de Zuhai, nas movimentações para o Sul. Esses dialectos misturaram-se com os dos imigrantes de Jiangsu, Shejiang, Jiangxi e de outras províncias, dando origem ao dialecto de Zhongshan (Zuhai).

Macau fica ao sul de Zhongshan, pertencendo-lhe geográfica-mente, logo, a sua situação linguística é sensivelmente a mesma. Há alguns séculos, o dialecto Min era muito popular em Macau. As razões foram as seguintes: o comércio para o exterior e os subsequentes transportes marítimos eram intensos, ao longo da costa de Fujian (dialecto Min). Entre os importantes portos costeiros, a cidade de Cantão figurava, sem dúvida, como um dos maiores de todo o mundo. Os habitantes de Fujian imigravam muito e fixavam-se a sul e muitos deles, em Macau. Com eles traziam a língua: o dialecto Min. Por outro lado, a movimentação de pessoas de Zhongshan, nomeadamente de Shiqi para Macau, sempre foi intensa, tendo começado a ter, socialmente, peso predominante em

Macau e assim foram impondo o seu dialecto. Ainda hoje, o que se fala em Macau é o dialecto Yue, com sotaque de Shiqi.

A grande explosão demográfica deste século em Macau aconteceu por volta de 1979, quando começou a abertura política da China, a partir das ondas de imigrantes vindas de todo este vasto país.

O pico maior dessa explosão deu-se em 1983 e foi de 100 000 sem termos possibilidade de quantificar os imigrantes ilegais, o que também terá sido numericamente muito significativo. Este tão grande número de imigrantes, em tão curto período de tempo, teve influências profundas e complicadas na situação dialectal de Macau.

Podemos observar por meio de um pequeno quadro a origem da maioria dos actuais falantes chineses de Macau:

de Zhongshan .....	aprox. 100 000
de Cantão .....	aprox. 200 000
de Fujian .....	aprox. 30000
de Jiangsu .....	aprox. 30000 *

\* In *Macau — City of Commerce and Culture — Chinese Dialects in Macau*.

Os habitantes de Macau acabaram por adoptar o dialecto de Guangzhou (Cantão) pelas razões essencialmente sociais que ligam as duas cidades. É raro o habitante de Macau, falante chinês, que não tenha um parente em Cantão que não visite, nem que seja uma vez por ano, geralmente por ocasião das festividades do Ano Novo Chinês.

O mesmo acontece em Hong Kong e assim nos aparecem três grandes cidades do Sul da China com génese histórica bastante diferente, mas ligadas por um fortíssimo elemento comum — a língua, o cantonês. Através dela se comunicam. Assim, parece que, para já, quem queira comerciar, falar, viver, sobreviver, permanecer, comunicar, enfim, plenamente, terá muitas vantagens na aprendizagem do cantonês.

## O DIALECTO DE MACAU

Talvez seja agora o momento de recuarmos ainda que pouco na história havida entre Portugal e Macau, no que respeita à comunicação linguística.

Para o fazer, apresento ainda uma questão:

Terá havido sempre esta dificuldade de comunicação linguística que agora se sente?

Olhando um pouco para trás para os finais do século passado, vamos encontrar, em Macau, um florescente dialecto utilizado por muitos habitantes.

Ao falarmos em habitantes será conveniente sabermos quem habitava em Macau nesse fim de século.

A publicação oficial do Território, em 1880, chamava-se *Boletim da Província de Macau* e no suplemento ao n.º 52 de 25 de Dezembro de 1880, constava que a população de Macau era constituída por:

Portugueses .....	4 476
Ingleses .....	12
Alemães .....	4
Americanos .....	7
Espanhóis .....	18
Italianos .....	4
Holandeses .....	2
Turcos.....	2
Mouros .....	29

O que perfaz a soma de 4 554 indivíduos.

A população chinesa era constituída por 63 532 indivíduos \*.

\* In *World Bibliographical Series — volume 105 — Macau*.

Isto é normal. A China está ao lado e esta terra sempre afinal e de facto foi sua pertença. Só exigências ou diabruras da história é que a mantiveram durante quatro séculos sob administração portuguesa.

Também é normal, pelo motivo exposto, a superioridade numérica de portugueses em relação ao máximo dos restantes estrangeiros.

Pelos números indicados, a população portuguesa, em relação à totalidade dos habitantes, era de perto de 6,6%.

Hoje, essa percentagem deve ter descido para, aproximadamente, 3%.

Pelo que atrás fica dito, podemos dizer que Macau é uma cidade chinesa onde, à excepção de 2 ou 3% da população, todos os outros habitantes são etnicamente chineses formando eles a parte mais real e consistente da cidade. A religião, que é sempre a medida indicadora de quem lidera o pensamento e a acção de um qualquer lugar, vem confirmar esta realidade: os templos chineses, ainda que por vezes escondidos e decrépitos, proliferam em Macau e nas ilhas. Os mercados, outra linha de força muito importante na vivência social, também em Macau se impõem com o seu aspecto incontestavelmente chinês. Pode o edificio inicial que lhe deu o nome ter uma arquitectura marcadamente colonial, mas o mercado extravasa do edificio e alonga-se pelas ruas estreitas, numa feição labiríntica e oriental.

As escolas chinesas são outra contribuição para ajudar a identidade desta cidade que em muitos aspectos podemos considerar moderna. Quem tem ocasião de penetrar no ambiente da escola chinesa pode talvez aperceber-se da vivência um pouco dickensiana que nela se respira. De toda esta amálgama resulta o

actual Macau, uma fervilhante cidade, onde o novo e o antigo se interpenetram.

Mas Macau é também terra de outras gentes. De muitos que para aqui vieram e que a escolheram e têm amado como sua. É também a terra daqueles filhos de portugueses que, no século XVII, aqui procuraram abrigo vindos de Malaca e de outros pontos do Império.

Actualmente, em Macau, podemos encontrar três grupos essenciais que, por várias razões normalmente derivadas da dificuldade de comunicação linguística se mantiveram distintos, embora com leves penetrações, até ao século XX: são os portugueses, vindo de Portugal, os chineses com a origem que já atrás, em resumo, se apresentou e os macaenses ou portugueses de Macau.

São, enfim, aqueles a quem Ana Maria Amaro chamou «os filhos da terra» e que de um modo geral se designam por macaenses.

Sobre a origem e formação desse grupo novo, filho de «um poli-hibridismo muito rico», muitas são as opiniões que se têm vindo a pôr, mas a verdade é que esse grupo permaneceu sempre um pouco demarcado da sociedade local.

Sem nos determos agora nas razões históricas e antropológicas das diferenças ou semelhanças, interessa-nos apenas referir a manifestação linguística que desse grupo resultou.

As antigas senhoras das famílias macaenses tinham a preocupação de utilizar entre si um dialecto — o dialecto macaísta.

Nele se misturavam palavras portuguesas antigas e palavras de origem asiática.

Porque terão as mulheres conservado esta maneira diferente de falar? Porque às mulheres se vedou, durante mais tempo, o direito de frequentarem a escola e, desse modo, poderem evoluir na sua expressão linguística.

Segundo Graciette Batalha, quando, no século XVI, os portugueses se estabeleceram em Macau, já não se utilizava a língua franca, mas sim «uma linguagem já com fixação fonética, morfológica e sintáctica que perdurou por 300 anos», tendo começado a diluir-se a partir do fim do século passado, quando após a fundação de Hong Kong como colónia, o inglês começou a fazer sentir a sua influência.

## AS CARTAS

Terminaremos a nossa deambulação pelas dificuldades de comunicação em Macau com uma pequena observação de alguns extractos de duas preciosas cartas, a primeira das quais publicada em 1865, no jornal Ta-Ssi-Yang-Kuo, jornal de Macau, e reproduzida na «Gazeta de Portugal». A segunda aparece em tiragem separada, provavelmente do mesmo jornal. Estão escritas no, geralmente chamado, dialecto macaísta.

Nesta observação, chamamos a atenção para dois aspectos. Um primeiro, já atrás referido, de fixação gramatical, sobretudo a nível morfológico e sintáctico e, um segundo, de informação da sociedade da época.

Este segundo aspecto, o de fonte de informação social, é muito interessante. Através destas cartas, quase podemos ver, perante nós, o dia-a-dia da classe média e elevada macaense, do século XIX a princípios do século XX. O deambular pelos assuntos leva-nos ao pensamento dessa importante parte da população de Macau e mesmo às movimentações políticas da época.

Assim, em tradução nossa, podemos observar, em alguns excertos:

1. *A cidade*

«A nossa cidade de Macau, querida Micaela, está cheia de novidades: o novo Governo é muito competente e está a mudar tudo. Mais algum tempo e tudo ficará virado do avesso».

2. *As ruas* — as «calçadas» à portuguesa começam a ser substituídas:

«As ruas já não têm pedra. É tudo em terra».

3. *Os pontos «quentes» das mudanças da cidade* e que, vemos, se têm mantido polémicos até ao dia de hoje:

«Para os lados do mar, na Praia Grande, já plantaram tantas árvores!» (Terá sido esta a plantação das árvores que, agora, neste fim de século, estão condenadas ao derrube?)

4. *O plantar inicial do Jardim de S. Francisco*

«O Campo de S. Francisco acabou, tiraram a grande escadaria e fizeram um jardim».

5. *A modernidade, o desenvolvimento urbano*

Este excerto transporta-nos à lembrança da Lisboa do século XIX, a de Cesário e ao seu «gás extravasado...».

«À noite já não há a escuridão costumada. Hoje há candeeiros de três bicos e os chineses, se quiserem furtar azeite, têm que o fazer a corta-mato».

6. *A comunicação e as referências ao exterior: Hong Kong e a Europa*

«Há alguns dias, um voluntário inglês de Hong Kong, veio a Macau...»

«Toda a gente diz que Macau parece a França».

7. *A vida social e a moda*

«... a valsa, à noite, que bonito que é!»

«As pessoas dizem que a moda das saias de balão para as senhoras já acabou».

8. *A ctitca aos gastos publicos*

«Com todos aqueles gastos deitaram-se fora 3 000 patacas».

9. *O humor*

Sobre um remédio, um xarope, diz-se:

«... quando o bebi a primeira vez, senti que era verniz! Não será obra de mal-assombrado querer envernizar as tripas das pessoas como quem enverniza cadeiras ou canapés?».

10. *Os hábitos*

Num final de carta:

«Como é a hora de chegarem os parceiros de jogo, eu já não posso escrever mais novidades. Tenho que ir preparar o chá, pôr o açúcar, mandar fazer as torradas e comprar a manteiga na loja de barbeiro».

Um estudo mais minucioso, de carácter linguístico e sistematizador é mister que seja feito a este falar delicioso que nos situa em Macau, mas que pelo embalar e cadência do som nos transporta a terras de Cabo Verde, Guiné, Brasil, Angola, Moçambique, Timor.

Ao terminar, deseja-se que na referência às dificuldades existentes na comunicação, fique bem expressa a necessidade de que ela se realize.

Gostaria de salientar que pensamos que não se comunica apenas com a língua. Tal como entre os homens, entre os povos as ligações criam-se do distante e do próximo. Do diacrónico e do sincrónico. Das vivências. Há a ligar-nos a cultura mútua já havida, há o pensamento, há as afinidades, há as diferenças compreendidas e respeitadas, há os hábitos, há o convívio, há os bons momentos, há os dissabores e alguma desavença, há o viver do dia-a-dia, há as recordações, há as heranças, há os sonhos partilhados, há os séculos em comum.

Cabe-nos a nós, pessoas destes tempos que aqui estamos, fechar a porta do Império. Interessa-nos, gostaríamos, que não fosse um bater de porta ruidoso e rodar de chave que, em seguida, se atira para águas profundas, inexpugnáveis — mas que fosse um cerrar suave, que permitisse um entreabrir, de quando em quando para um cumprimento, para uma permuta cultural e humana — para, enfim, uma chávena de chá, em comum.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARO, Ana Maria — *Filhos da Terra*, Macau. Instituto Cultural de Macau, 1988.
- BATALHA, Graciette — *Glossário do Dialecto Macaense: notas linguísticas, etnográficas e folclóricas*, Macau. Instituto Cultural de Macau, 1988.
- CREMER, R. D. — *Macau — City of Commerce and Culture*. UEA Press Ltd., Hong Kong, 1987.
- EDMONDS, Richard L. — *World Bibliographical Series — volume 105 — MACAU*. Ciclo Press Ltd., Oxford, England, 1989.

